

A crítica  
20/8/97 A-3  
287

Manaus, quarta-feira, 20 de agosto de 1997

# CIDADES

a crítica **111** A3

## Índios reclamam da Funai em encontro

A maior queixa dos povos indígenas, durante o 1º Encontro de Agentes de Saúde, foi a entrada de garimpeiros em suas áreas permitida pela Funai.

Fotos: Euzivaldo Queiroz

O terceiro dia do 1º Encontro de Agentes Indígenas de Saúde e Microscopistas Indígenas da Amazônia Brasileira, no Centro de Treinamento da Maromba, serviu ontem de canal para as reclamações dos povos indígenas contra as ações da Fundação Nacional dos Índios (Funai). Representantes das etnias Ianomami e Uaiápi denunciaram o órgão por permitir a entrada de garimpeiros em suas áreas.

O representante dos Ianomami da região de Boa Vista (RR), Carreira Ianomami, de cerca de 65 anos, disse que a água dos rios começou a ficar poluída com a ação dos garimpeiros. Falando na língua ianomami e com a tradução do assessor do Programa Nacional de DST-Aids, do Ministério da Saúde, Marcos Pellegrini, Carreira e mais dois indígenas também afirmaram que já existem cinco pistas de pouso de aeronaves, apesar de já se saber que na reserva Ianomami existem 24 pistas.

Com o crescimento da atividade do garimpo na área ianomami, o maior receio dos índios é o aparecimento das doenças consideradas dos brancos. "Os garimpeiros são uma espécie de porta de entrada, principalmente para as doenças sexualmente transmissíveis", alerta Pellegrini.

Os índios Marino e Rogério Ianomami, ambos com aproximadamente 22 anos, disseram que a Funai já havia expulsado os garimpeiros há cerca de um ano, mas que eles teriam apenas ficado escondidos para voltar logo em seguida.

Médo - O representante da etnia Uaiápi, no estado do Amapá, cacique Cumaré Uaiápi, também está revoltado com a Funai. Mis-

turando o português com a língua dos Uaiápi, Cumaré disse que o órgão de proteção dos índios teria mandado a Polícia Federal, no início deste mês, expulsar a organização não-governamental Centro de Trabalho Indigenista (CTI) da aldeia, provocando medo e tensão nas mulheres e crianças uaiápi.

Cumaré disse que o povo uaiápi sabe diferenciar o trabalho na área de saúde que a Funai e a CTI estão fazendo. O melhor exemplo, segundo ele, surge quando um índio adocece. "Antes do CTI, tínhamos que andar muito com o índio doente nas costas até chegar ao posto da Funai", diz Cumaré. "Hoje não. Os médicos da CTI vão até nós, mesmo que a aldeia fique longe. Não somos burros, sabemos o que é bom para a gente".

Participando do encontro, mas sempre preocupado com o que poderia estar acontecendo com sua aldeia, Cumaré disse não entender como a Funai consegue enviar a Polícia Federal para expulsar

quem está ajudando os índios e ao mesmo tempo não faz o mesmo para expulsar os garimpeiros. A área onde vivem cerca de 800 uaiápi já foi bastante degradada pela ação dos garimpeiros.

Nenhum administrador regional ou administrador-substituto da Funai dos estados de Roraima e Amapá foi encontrado ontem pela reportagem. Segundo informações por telefone, dos funcionários dos dois órgãos estaduais, qualquer tipo de informação só poderia ser conseguida hoje. O funcionário Mozar Borges, da Funai do Amapá, disse que as informações sobre o caso da expulsão da Ong CTI da aldeia Uaiápi deveriam ser repassadas pela Funai de Brasília.

### DSTs vão ser debatidas hoje

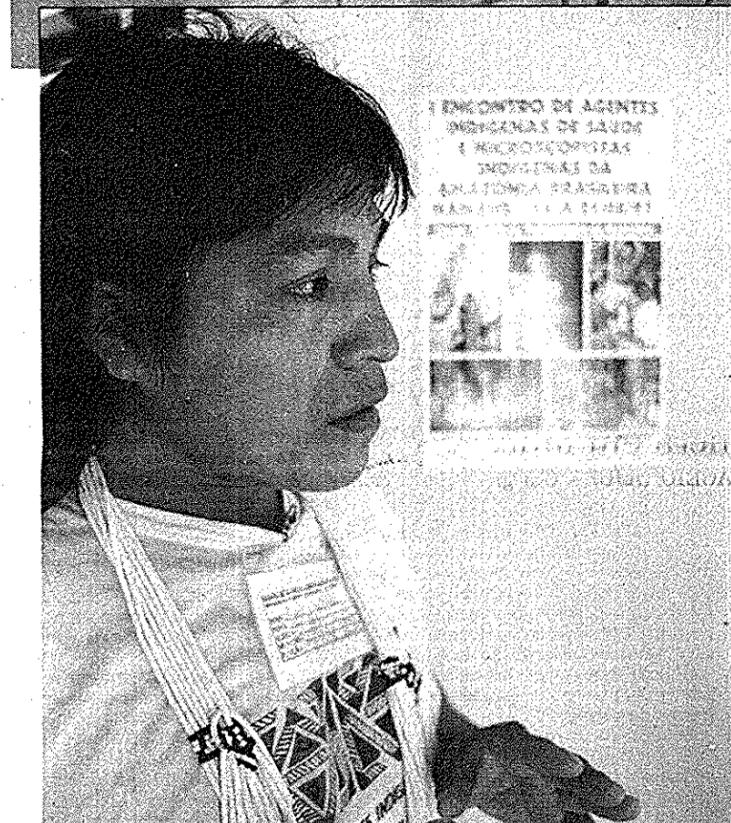
Tuberculose, malária, hepatite, diarreia e até as doenças sexualmente transmissíveis, tema de hoje do encontro de agentes de saúde indígenas, são as doenças mais citadas pelos índios da Amazônia e outros estados.

A orientadora pedagógica de saúde Alice Machado, de 27 anos, da etnia Guarani, do estado do Mato Grosso do Sul, é uma das que reclama da falta de atenção da Funai para o agravamento do problema. "As DSTs estão aparecendo e a Funai até agora não fez nada", afirma Alice. "Só a Secretaria Estadual de Saúde do Mato Grosso do Sul tem nos dado alguma ajuda".

O índio guarani, de Angra dos Reis (RJ), Domingos Venite, de 37

anos, é da mesma opinião. Ele diz que as principais doenças que têm acometido os índios guaranis do litoral, 520 ao todo, são diarreia, micoses e pneumonia. O problema maior para Domingos é a falta de carros para transportar os doentes e a falta de comunicação com a Funai.

O treinamento de agentes de saúde para trabalhar nas aldeias tem sido uma das principais ações dos índios para tentar evitar o desenvolvimento das doenças. Nos últimos meses, por exemplo, os agentes têm buscado informações sobre as DSTs e a Aids, doenças que começam a aparecer entre os índios e que será tema do debate de hoje.



Cumaré, da etnia uaiápi, lembra que os índios não são burros

Carreira não se conforma com a poluição causada pelos garimpeiros

### Tribos querem sistema de saúde

Um sistema de saúde específico para as nações indígenas será uma das principais reivindicações do documento a ser apresentado amanhã, no último dia do 1º Encontro de Agentes Indígenas de Saúde e Microscopistas Indígenas da Amazônia Brasileira, no Centro de Treinamento da Maromba.

A reivindicação dos índios, apesar de estar sendo intensificada este ano, não é nova. Desde que a Constituição Brasileira dispôs de um artigo falando sobre as especificidades da saúde indígena, os representantes das diversas etnias buscam um sistema de saúde autônomo.

De acordo com uma das coordenadoras do encontro promovido pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab) e Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Celina Baré, de 51 anos, a autonomia do sistema de saúde estaria vinculada à formação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dsei).

Com os distritos, os índios receberiam verba da saúde para trabalhar de acordo com a realidade indígena. Seria semelhante à atividade dos

Conselhos Estaduais de Saúde, reunindo representantes de diversos grupos de interesse para gerenciar a verba do Governo Federal. "Somos usuários do SUS (Sistema Único de Saúde) como qualquer outro cidadão, mas precisamos de um atendimento diferenciado", diz Celina Baré. "Temos nossas curas, nossos pajés, plantas e rituais, mas isto nunca é levado em consideração pelos governos. Com isso, a saúde dos índios vai piorando a cada dia".

Celina, assim como todos os índios entrevistados, diz que os povos indígenas estão abandonados pelo Governo Federal. "Eles só aparecem quando a situação já está fora de controle", diz a coordenadora.

Nem mesmo o trabalho dos agentes comunitários dentro das aldeias indígenas é reconhecido pelo Governo. Não há remuneração ou qualquer tipo de assistência. Mesmo tendo seus próprios pajés e maneiras de cura, Celina explica que o trabalho dos agentes comunitários é imprescindível para trabalhar as doenças que os brancos levam às aldeias.